

UBC

REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#04_JANEIRO DE 2010

ISSN 2176153-1



EM 2010 DESEJAMOS

**PAZ E PROSPERIDADE
COM RESPEITO
AOS NOSSOS
DIREITOS E**

INADIMPLÊNCIA

ZERO

+ MÚSICA SOCIAL + MARIA BETHÂNIA + PROJETOS DE LEI + A CONQUISTA DO CENTRO-OESTE

SEUS DIREITOS NO EXTERIOR.

O associado da UBC tem a mais ampla representação do seu repertório no exterior.

Direitos Autorais de Execução Pública
em mais de 130 países e territórios.

Direitos Conexos de Execução Pública
em mais de 20 países.

Direitos Fonomecânicos
em mais de 80 países e territórios.

O NOSSO DEPARTAMENTO INTERNACIONAL TRABALHA PARA IDENTIFICAR SEU REPERTÓRIO FORA DO BRASIL.

Entre em contato conosco fornecendo maiores informações sobre o uso da sua obra no exterior para garantirmos o melhor atendimento possível.

Tel.: (21) 2223-3233 / international@ubc.org.br / www.ubc.org.br



INADIMPLÊNCIA ZERO

Nesta edição, a UBC não se pronuncia quanto ao descaso que o Ministério da Cultura tem pela música brasileira e seus compositores. A ignorância não vencerá. As lentes desfocadas da ideologia não vão prevalecer. Este número chama a atenção para os conceitos de justiça e direito. Temos necessidade de acreditar que o mundo é melhor do que é e o árbitro não irá se corromper ao poder econômico. Será poesia essa crença?

Por isso, a UBC lança a campanha Inadimplência Zero, para fortalecer ainda mais a luta pelo direito de criador e cidadão que é ignorado por muitos usuários de música. Não brigamos com a sociedade do espetáculo, mas sabemos que ela é fútil e vazia. Não percebe – ou finge que não percebe – que o pagamento dos direitos autorais garante a sobrevivência da música brasileira que, além de enriquecer a nossa cultura, gera empregos e renda, inclusive para os empresários. Mas isso eles devem saber...

UBC



REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#04_JANEIRO DE 2010

-  04 : NOTAS/LANÇAMENTOS
-  07 : FIQUE DE OLHO
-  08 : MÚSICA SOCIAL
-  11 : BRASÍLIA
-  12 : INADIMPLÊNCIA ZERO
-  15 : PAULO IDELFONSO
-  16 : GETÚLIO MACEDO
-  17 : DISTRIBUIÇÃO
-  18 : MARIA BETHÂNIA
-  20 : PROJETOS DE LEI
-  22 : AGENDA

A Revista UBC é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivo a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural. **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Edmundo Souto, José Antônio Perdomo, José Loureiro, Paulo Sérgio Valle e Ronaldo Bastos | **Diretora Executiva:** Marisa Gandelman | **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr | **Projeto gráfico e diagramação:** 6D | **Edição e redação:** Batuta Comunicação (Vivi Fernandes de Lima, MTB 23251) | **Produção Executiva:** Ana Hupe | **Colaboradores:** Ana Hupe, Francisco Luiz Noel, Cecília Melo Rodrigues, Fernanda Lacerda, Gabriel Versiani, Paulo Sabino, Pedro Paulo Malta, Roberta da Costa | **Revisão:** Roberta da Costa | **Distribuição gratuita** | **Tiragem:** 5.000 exemplares.



NOVIDADES NACIONAIS



Foto de divulgação

ROCK GOIANO PLANEJA TURNÊ INTERNACIONAL

O quarteto goiano **Black Drawing Chalks** está preparando uma turnê pela América do Norte para 2010. A banda de rock já abriu shows do Motörhead e Eagles of Death Metal, duas de suas influências. Em 2009, foi indicada a três prêmios no VMB 2009: Aposta MTV, Rock Alternativo e Videoclipe do Ano. O título do segundo álbum, "Life Is a Big Holiday For Us", apresenta o estilo despojado da banda que faz música se divertindo. O trabalho do grupo pode ser conferido no www.myspace.com/blackdrawingchalks.



Foto de divulgação

O REGGAE DOS PAMPAS

Os gaúchos da banda **Chimarruts** estão preparando o quinto CD e o segundo DVD, com previsão de lançamento para 2010. Em 2009, eles foram o primeiro grupo brasileiro de reggae a ganhar o prêmio VMB, pela MTV. Durante o Planeta Atlântida, o maior evento musical do Sul, tiveram a oportunidade de dividir o palco com grandes artistas nacionais, como Gilberto Gil, Lulu Santos e Charlie Brown Jr. Em breve entrevista à revista UBC, o percussionista Vinícius Marques, o vocalista Rafa e o saxofonista e flautista Nê falam um pouco sobre as experiências da banda.

Durante a estrada da banda, qual o show mais marcante?

Nê - Teve um ano em que era pra gente abrir o Planeta Atlântida e acabamos sendo a última banda a se apresentar. Ficamos bem preocupados porque fim de noite, a gente sabe como é... (risos) Mas acabou sendo um show maravilhoso com o sol de um lado e a lua do outro abençoando aquele povo.

É difícil chegar a um repertório que agrade aos oito integrantes da banda?

Rafa - A banda Chimarruts nasceu justamente da vontade de reunir vários gostos e influências musicais e misturá-los, pra tentar criar um som com a nossa cara! Mas quando não rola unanimidade vamos para o voto direto mesmo!

Como é o processo de composição da banda?

Vinícius - O Sander Fróis (guitarra) e o Nê são as duas pessoas que nesse momento estão compondo mais, fazendo belas músicas. O Jaca (guitarra) também tem uma composição nesse novo disco. Já com relação ao arranjo, sempre foi feito de uma forma bem coletiva e democrática. Aprendemos muito uns com os outros.

OS MUTANTES LANÇAM NOVO CD NOS EUA

"**Haih or Amortecedor**", lançado em setembro nos Estados Unidos pela gravadora Anti-Records, é o mais novo álbum da banda, que deve chegar ao Brasil no primeiro semestre de 2010. Todas as canções são inéditas e, em sua maioria, assinadas por Sérgio Dias, o único integrante da formação original da banda, que atualmente tem sete componentes. O disco conta com a participação especial de Erasmo Carlos, Jorge Ben Jor e Tom Zé, e as turnês ainda estão sendo planejadas.



Foto de divulgação

PAULINHO MIXARIA INVESTE EM LIVRO E CINEMA

Depois de vender mais de 140 mil cópias do CD "Seriamente Divertido", lançado em 2006, o humorista e compositor gaúcho **Paulinho Mixaria** se prepara para um 2010 cheio de conquistas. Entre elas, está a finalização do roteiro de um filme que irá dirigir e de um livro em que narra sua trajetória artística. A história começou quando ele ainda tinha 11 anos, idade com que começou a escrever poesias e compor músicas. Iniciou sua carreira se apresentando em churrascarias, restaurantes e hotéis, contando piadas e fazendo versos de improviso.

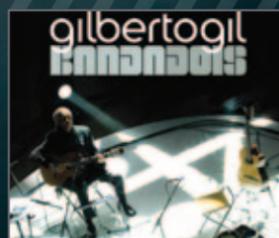


Foto de divulgação

NOVOS ASSOCIADOS

O número de sócios da UBC está crescendo. **Noel Rosa** (1910-1937), "o poeta da Vila", é um dos artistas que passaram a integrar a lista de titulares da sociedade recentemente. Nos últimos meses, também ingressaram na UBC o compositor e produtor musical **Liminha**, a compositora gospel e cantora **Aline Barros**, a cantora **Fafá de Belém** e o compositor e músico **Jorge Vercilo**, entre outros.

LANÇAMENTOS



GILBERTO GIL

(Geléia Geral/Warner Music)
O CD voz e violão "Banda Dois" foi gravado ao vivo em São Paulo. O roteiro de 23 músicas inclui as inéditas "Pronto pra Preto", "Quatro Coisas" e "Das Duas, Uma". Mas a novidade fica por conta do dueto com Maria Rita em "Amor até o Fim", samba de 1966 que chegou a ser gravado por Elis Regina.



LUCAS SANTANA

(Independente)
O quarto disco do artista, "Sem nostalgia", o mostra "um disco de voz, violão e ambiente", como gosta de dizer. Com composições em português e inglês, a produção conta com ruídos de insetos, sampleados e orquestrados.



HAMILTON DE HOLANDA E JOEL NASCIMENTO

(Brasileiros)
Os músicos fazem uma homenagem ao bandolim brasileiro no CD "De bandolim a bandolim". Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Radamés Gnattali e Jacob do Bandolim são alguns dos compositores interpretados pelos bandolinistas.



BELÔ VELLOSO

(BMGV Music)
A cantora apresenta sambas baianos e cariocas no álbum "Versão Brasileira I". Lançado em formato EP (Extended Play) com seis músicas, também poderá ser baixado da internet.



NEY MATOGROSSO

(EMI)
Em intensa produtividade aos 68 anos, Ney Matogrosso lança seu 30º álbum, o acústico "Beijo Bandido", executado em piano, violão, bandolim, violino, violoncelo e percussão. O repertório eclético conta até com tango.



ADRIANA PARTIMPIM

(Sony Music)
Dedicado ao público infantil, Partimpim 2 reúne 11 canções, algumas escritas especialmente para o álbum, como "Baile Partimpim". Músicas antigas também estão no repertório como "O Trenzinho do Caipira".

INTERNACIONAL

FRANÇA. INTERNAUTAS INFRATORES

A França aprovou, em outubro, o projeto de lei Hadopi, que dá ao judiciário o poder de suspender a conexão de usuários que receberem mais de duas notificações de infrações a direitos autorais na internet. Frederic Mitterrand, ministro da Cultura e Comunicação francês, vai recorrer ao parlamento para esclarecer sob que condições o acesso à internet será cortado. O órgão administrativo Hadopi irá mandar as primeiras mensagens de alerta aos internautas infratores no começo de 2010.

EUA. MÚSICOS E INTÉRPRETES GANHAM FORÇA

No dia 15 de outubro de 2009, o comitê judiciário dos Estados Unidos aprovou uma grande conquista para todos os intérpretes: o Performance Rights Act (Lei dos Direitos de Execução). Se aprovada no Congresso, esta lei fará com que os titulares de direitos conexos sejam devidamente remunerados pela veiculação de seus trabalhos em rádios AM e FM. O ato tramita no Congresso. Historicamente, nos EUA, só se pagam direitos a autores e editores pela transmissão em rádios analógicas; músicos, intérpretes e produtores não recebem. Essa realidade vem se transformando desde 1995, quando começaram o rádio satélite e as rádios pela internet. Pelas transmissões digitais, os intérpretes são recompensados.

INGLATERRA. NÃO PAGOU, CORTOU

O governo inglês pretende introduzir uma multa aos que trocam arquivos ilegais de material protegido por copyright. Os internautas vão receber uma série de sanções em escala que pode terminar com o corte do serviço de internet. Neste mês, a União Europeia rejeitou a Emenda 138, que negaria o direito aos países membros de cortar a internet sem autorização prévia.

CANADÁ. PERÍODO DO DOMÍNIO PÚBLICO

O governo canadense fez uma consulta pública sobre a proposta de mudança na legislação dos direitos autorais do país. Uma das alterações que pode ocorrer é a extensão do período para reconhecimento de domínio público de 50 para 70 anos.

SUÉCIA. TROCA LEGAL DE ARQUIVOS

Foi na Suécia, terra dos quatro criadores do Pirate Bay, site de trocas ilegais de arquivos, que uma importante lei de direitos autorais foi aprovada: a Ipred. Com ela, o provedor de internet é obrigado a fornecer dados do internauta que faz trocas ilegais de arquivos pela rede. O país está bastante avançado na discussão sobre direitos de autor. No mesmo país, a sociedade Stim, parceira da UBC, propõe um método que facilita o acesso à troca legal de arquivos. Através do Access to Music Charge (AMC) será possível o download e upload de material protegido por copyrights. Isso mediante o pagamento de um valor adicional ao provedor de internet. Assim, o provedor poderá remunerar os criadores pelo uso de suas obras.

JAPÃO. BOAS NOTÍCIAS PARA EDITORES DE MÚSICA E DETENTORES DE DIREITOS AUTORAIS

O primeiro-ministro japonês, Yukio Hatoyama, garantiu estender a proteção de copyright a composições. Anteriormente, o direito autoral de músicas era de 50 anos. Com a proposta, passa a ser garantido por 70, como funciona no padrão internacional. Ainda não foi divulgada uma data para a lei entrar em vigor.

Foto: Belo Martins

FIQUE DE OLHO

UNIDOS PELO PORTUGUÊS

A UBC esteve presente no **Encontro Lusófono de Sociedades de Autores**, que aconteceu no dia 10 de novembro, em Lisboa. Realizado pela Sociedade Portuguesa de Autores, o evento contou com a participação do diretor-geral da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores (Cisac), Eric Batiste, e do secretário-executivo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), Domingos Simões Pereira. A reunião deu um passo para a cooperação entre sociedades de países que integram a CPLP: por unanimidade, foi aprovada uma proposta de criação de um comitê lusófono que irá integrar a estrutura da Cisac.

AÇÃO NA BAHIA

Por meio de uma ação do Ecad, o Tribunal de Justiça da Bahia determinou que a **casa de shows Axé Moi** – uma das maiores do estado, em Porto Seguro – regularize o pagamento de direitos autorais. O estabelecimento abriga espetáculos de grande porte, mas não vinha cumprindo a lei, negando-se desde 2008 a remunerar os autores pela utilização de obras musicais. A decisão do Tribunal baiano está de acordo com o Superior Tribunal de Justiça (STJ), que assegura a retribuição autoral pela utilização de música em locais de frequência coletiva. Tribunais de outros estados do país vêm adotando a mesma premissa, como o de Santa Catarina, que julgou procedente a solicitação do Ecad de autorização prévia para execução de música nas casas de espetáculo La Pedreira e Estrela Clube.

FESTA DO PINHÃO

O município de **Lages (SC) foi condenado pelo STJ**, em ação impetrada pelo Ecad, ao pagamento de direitos autorais pela execução de obras musicais na festa do Pinhão. O evento ocorreu entre 5 e 14 de junho de 1998, e teve como atrações artistas como Paralamas do Sucesso, Daniel, Jota Quest, Banda Eva, Só pra Contrariar e Alceu Valença, entre outros. O evento já é tradicional no estado e, em 2009, chegou à 21ª edição. O município vinha resistindo ao pagamento dos direitos autorais desde 1996.

PARTIDO PIRATA

Pode parecer incrível, mas existe até legenda política que exalta a pirataria. Criado na Suécia e hoje presente em mais 33 países, o **Partido Pirata conta com dois deputados no Parlamento Europeu**. No Brasil, pretende lançar um candidato nas eleições de 2010. Durante o Fórum da Cultura Digital Brasileira – realizado de 18 a 21 de novembro na Cinemateca de São Paulo –, a eurodeputada Amélia Andersdotter realizou uma “Desconferência” – como eles chamam, ironicamente, conferência. No site www.partidopirata.org, os filiados anunciam sua filosofia nada protetora dos direitos autorais: “não acreditamos na propriedade intelectual e entendemos que sua defesa no âmbito digital implica o controle dos cidadãos e a supressão dos direitos civis e liberdades individuais fundamentais”.

ATENÇÃO, PRODUTOR INDEPENDENTE!

A UBC disponibiliza para o produtor fonográfico filiado, **gratuitamente, o software SISRC**, com o qual o produtor independente pode gerar seus próprios códigos ISRC (Código de Gravação Padrão Internacional). Este código é normalmente exigido pelas fábricas que prensam o CD, já que esta identificação é obrigatória por lei. Se você deseja saber mais sobre a filiação na categoria produtor fonográfico, entre em contato com o setor de atendimento da UBC pelo e-mail atendimento@ubc.org.br.

Ilustração: 6D

MÚSICAS SOCIAIS

Por Pedro Paulo Malta

Lá se vão 41 anos desde que os versos do “Quem sabe faz a hora/ não espera acontecer”, de Geraldo Vandré, fez tremer não só um Maracanãzinho lotado, mas todo um país que, naquele fim dos anos 1960, desejava mais justiça e liberdade de expressão, entre outros sonhos. Consagrada pelos festivais da canção, a “música de protesto” nunca mais conheceu hinos tão inflamáveis. Por outro lado, garantiu sua sobrevivência mirando novos alvos e assumindo diversos sotaques: foi debochada, andrógina, instigante, ácida... Em uma de suas formas mais recentes, surgida nos anos 1990, arregaçou as mangas e partiu para a prática, através de ONGs e fundações que, mantidas por artistas brasileiros de todas as vertentes, completam a primeira década do século 21 mais ativas do que nunca.

Prova disso é a história de Luís Gustavo Ferreira, que era um garoto de 14 anos em 1993, quando 21 vizinhos seus da comunidade de Vigário Geral, na zona norte do Rio, foram assassinados por um grupo de policiais militares em retaliação pela morte de colegas a mando de traficantes locais. Pouco após a chacina, instalava-se no local um núcleo comunitário de cultura, com a proposta de desviar jovens do tráfico, oferecendo-lhes oficinas de percussão, dança, futebol, reciclagem de lixo e capoeira. Esta última encantou o adolescente, que não tardou a ser fisgado pelo recém-criado grupo cultural AfroReggae.

“Não fosse esse encontro, hoje eu estaria preso ou morto, pois eu era envolvido com a criminalidade, assim como outros meninos da comunidade. Só que fui capacitado e, aos 18 anos, já era um dos coordenadores do trabalho social em Vigário Geral”, relembra o ex-aprendiz de capoeirista, hoje aos 30 anos e mais conhecido como LG. Além de trabalhar nas iniciativas sociais na comunidade, ele ainda atua como vocalista da banda AfroReggae, produtor e mediador de conflitos. “Através da nossa transparência, conquistamos o respeito de todos em Vigário e é aí que entra nosso trabalho de mediação, parando guerras entre facções do tráfico através de shows, atividades culturais e, principalmente, muito diálogo.”

Foto: Rogério Resende

Hoje reconhecido como um importante polo gerador de arte e cultura no país, o AfroReggae incorporou novas oficinas – como circo e história em quadrinhos – e ganhou visibilidade através de seus próprios programas de TV, o portal AfroReggae.org e atividades realizadas em outras quatro comunidades cariocas: Cidade de Deus, Parada de Lucas, Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Até mesmo no exterior, aonde a banda AfroReggae já levou o som de Vigário Geral, os resultados são surpreendentes. “Demos uma palestra em um centro comunitário da periferia de Amsterdã, na Holanda, sobre nossa realidade no Brasil, os baixos salários, como fazemos para viver... No fim, **um dos jovens envolvidos com o tráfico de armas local entregou doze pistolas a um educador.**”

História de vida parecida com a de LG foi a do rapper MV Bill, que ainda atendia por Alex Barbosa e fazia suas primeiras gravações naquele mesmo 1993 que mudou a vida de Vigário Geral. Nascido e criado a 40 Km dali, na Cidade de Deus (comunidade na zona oeste do Rio), ele conta que foi “resgatado pelo hip hop”, cujos princípios foram fundamentais em sua conscientização

como cidadão. “Foi uma oportunidade real que tive de ser uma exceção dentro de uma regra que me desfavorecia, me tornando um ativista a favor de uma causa em que acredito”, conta o artista de 35 anos, hoje um dos principais nomes do hip hop nacional.

Entre os orgulhos de sua trajetória de cantor-ativista está a Central Única das Favelas, a Cufa, que fundou em 1998 para praticar as mudanças que propunha em suas composições. “Através do hip hop e dos ideais que fazem parte desse universo, um grupo de pessoas se mobilizou para colocar em prática as mudanças e críticas que defendíamos na nossa música. Atualmente, o hip hop é um chamariz, uma atração em nossos eventos, mas as atividades que desenvolvemos vão muito além da música”, explica MV Bill, em referência às oficinas oferecidas (capacitação profissional, educação, informática e teatro), atividades esportivas (com destaque para os campeonatos de basquete de rua), filmes produzidos e festivais de cinema realizados, entre outras atividades.

“É um engano pensar que o hip hop é a salvação da periferia. Por isso, tenho o cuidado de dizer, por onde quer que eu passe, que os jovens busquem outras formas de

ascensão além do hip hop, que não é garantia de futuro. É importante que eles considerem a necessidade de estudar para buscarem profissões como a advocacia, o magistério, a medicina...”, esclarece o autor de *Falcão* – meninos do tráfico (livro e documentário em parceria com Celso Athayde), orgulhoso do crescimento da Cufa, hoje presente em comunidades de todos os estados brasileiros. “Foi a iniciativa mais importante que desenvolvi na minha vida.”

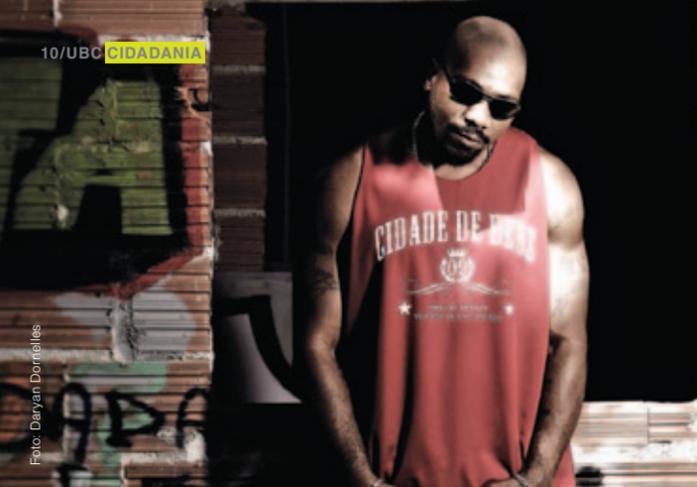
Orgulho igual só se percebe quando o baiano Carlinhos Brown dá um breque em suas múltiplas criações musicais para falar da Associação Pracatum Ação Social, que fundou em 1994 com a proposta inicial de organizar as aulas de percussão que já dava às crianças do bairro do Candeal, em Salvador, onde nasceu há 47 anos. “Este som, ‘prá-cá-tum’, foi um dos primeiros que tirei do timbau”, conta o criador da Timbalada, grupo que liderou nos anos 1990, formado por percussionistas de seu bairro natal. “A Pracatum foi uma iniciativa que surgiu da vontade que eu tinha de dar às pessoas um pouco do que a música me proporcionou de bom.”

Nos 15 anos de existência, a associação que nasceu como uma escola de música se tornou um centro de referência em cursos profissionalizantes de reciclagem, moda, costura, idiomas e oficinas de capoeira e danças afro-brasileiras. Em todas estas atividades e mais uma escola infantil, são mais de mil crianças e jovens entre 3 e 26 anos atendidos diariamente. “No futuro, espero que iniciativas

como a Pracatum possam existir como somente mais uma oportunidade para que pessoas possam desenvolver seus talentos”, projeta o autor de “A Namorada”, “Água Mineral” e “Capoeira Larará (Meia lua inteira)”. “E que os brasileiros não precisem de ONGs cumprindo um papel que é, antes de tudo, do nosso governo.”

Enquanto isso, é com prazer que Brown enfileira os resultados do celeiro de instrumentistas que se tornou sua iniciativa: “Já formamos mais de 500 percussionistas e muitos deles tocaram com artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Ivete Sangalo. **Há músicos do Candeal até no grupo americano Stomp**, ou fazendo carreira solo pelo mundo. São muitas histórias, e cada uma delas é importante por ser um resultado que deu certo.”

Outro cantor e compositor de sucesso que não esqueceu as origens foi o cearense Raimundo Fagner, que “desde o primeiro sucesso” começou a ajudar a cidadezinha de Orós (distante 350 km de Fortaleza, com 21 mil habitantes), mas só no ano 2000 criou a Fundação Social Raimundo Fagner. “Cresci acostumado a ver minha família ajudar os pobres, que não são poucos na minha cidade. A prática era dar dinheiro mesmo, o que não era incomum



nem errado naquela época”, narra o artista de 60 anos, caçula dos cinco filhos de José Fares e Dona Francisca. “Depois que me tornei conhecido, nada mais natural que continuasse a colaborar com meus conterrâneos. Só que as coisas foram caminhando e chegamos à fundação, que hoje é um motivo de orgulho para nós.”

Voltada para atividades complementares ao ensino formal, a fundação atende atualmente a 370 crianças e adolescentes de 7 a 17 anos de idade, sendo 200 em Orós e outros 170 na periferia de Fortaleza. Pela excelência de projetos como o Aprendendo com Arte, que desenvolve oficinas de música, expressão corporal, teatro e artes plásticas, a entidade já recebeu prêmios como o Criança Esperança e o Itaú Unicef.

“Cada vez mais nos esclarecemos de que o mundo precisa de nós e de que precisamos fazer a nossa parte. É uma atitude que passa por entender o coração das pessoas, compreender o país e o nosso papel como artistas”, reflete o compositor de “Mucuripe” e “Canteiros”. “Não levamos nada daqui, não é? Que façamos, então, algo de concreto que possa retornar ao povo.”

É o que vem fazendo ao longo de sua carreira o cantor e compositor Marcelo Yuka, que mais recentemente voltou seu olhar para as condições sub-humanas de detentos de Nova Iguaçu (RJ). Como parceiro na empreitada, aliou-se ao delegado Orlando Zaccane, que tinha acabado de se tornar titular da delegacia do município da Baixada Fluminense, quando os dois se encontraram casualmente num supermercado 24 horas. Da conversa com o policial (“Um delegado diferenciado: escritor, professor, hare krishna, skatista!”), nasceu a Brigada Organizada de Cultura Ativista (Boca), em 2007, com a proposta de levar educação e cultura àqueles detentos. **Yuka e Zaccane logo investiram na montagem de uma biblioteca**, na exibição de filmes e na realização de shows e concursos de poesia entre os detentos.

“A população carcerária não interessa a ninguém, pois, quanto maior a violência, mais as pessoas confundem justiça com vingança. E eu não acredito na violência como forma de combate à violência”, define o compositor de 45 anos, que vive em uma cadeira de rodas desde 2001, quando, baleado em uma blitz organizada por bandidos, ficou paraplégico. “Nunca narrei a violência como um filme de ação. Desde a adolescência em Campo Grande (bairro da zona oeste carioca), onde comecei a compor, o que me interessava era a costura entre os dois mundos que eu via da minha realidade de classe média, os pobres e os mais abonados, convidando os dois lados a refletirem sobre a situação em que viviam.”



Foto: Mario Sampa

Desde o início das atividades da Boca, caíram a zero as tentativas de fuga na delegacia de Nova Iguaçu, base inicial de um trabalho que vai sendo ampliado a outras delegacias do estado do Rio. “Não tenho podido ir à carceragem por motivo de saúde, mas meu trabalho de articulação, sobretudo com nosso voluntariado, é permanente”, conta Yuka, que, além de doações pessoais, conta com as parcerias com o grupo Juizes Para a Democracia e com a Associação dos Profissionais e Amigos do Funk (APAFunk). “Costumo brincar com o Zaccane que somos a ONG mais pobre do Brasil!”

O TEMPO NÃO PARA

Prestes a completar seu 20º aniversário, a Sociedade Viva Cazuzu infelizmente não vem encontrando em seu presente muitos motivos para comemorar. Pelo contrário: a instituição, que dá assistência a crianças carentes portadoras do vírus da Aids e apoio a pacientes adultos em tratamento na rede pública de hospitais, enfrenta sérias dificuldades financeiras. Devido a cortes de verbas governamentais, o estado da entidade é de “desespero absoluto”, segundo Lucinha Araújo, presidente e fundadora da entidade, em 1990, apenas três meses após a morte do filho, o cantor e compositor Cazuzu, vítima de Aids.

Fonte principal de sustento da Sociedade Viva Cazuzu, os direitos autorais recolhidos por composições como “O Tempo não Para”, “Ideologia” e “Maior abandonado” cobrem entre 10% e 20% dos R\$ 60 mil mensais que são necessários para manter a instituição. Como resposta ao quadro, Lucinha vem intensificando os pedidos de donativos como roupas, alimentos e medicamentos, além de doações em dinheiro. Sediada em um imóvel cedido pela Prefeitura do Rio no bairro de Laranjeiras, na zona sul da cidade, a instituição – referência nacional em tratamento pediátrico de Aids – cuida de 22 crianças em regime de internato e ajuda 150 adultos soropositivos com orientações e cestas básicas. Mais informações em www.vivacazuza.org.br. 

Vista essa camisa!

AfroReggae: (21) 2532-0171 / www.afroreggae.org.br
Central Única das Favelas (Cufa): (21) 2458-8035 e 3015-5927 / www.cufa.org.br
Fundação Social Raimundo Fagner: (85) 3274-3726 / www.rfagner.com.br
Associação Pracatum Ação Social: (71) 3276-4255 e 3356-3818 / www.carlinhosbrown.com.br/mosaico/trabalho-social/associacao-pracatum
Sociedade Viva Cazuzu: (21) 2551-5368 / www.vivacazuza.org.br
Brigada Organizada de Cultura Ativista (Boca): (21) 9481-8594

A CONQUISTA DO CENTRO-OESTE

Escritório de Brasília comemora recentes associações e prevê novas metas

Por Fernanda Lacerda

A interiorização do país de que tanto falava o presidente Juscelino Kubitschek fez a capital se mudar do Rio de Janeiro para Brasília em 1960. A iniciativa política repercutiu nas artes, e a música talvez seja o exemplo mais claro de como a cultura da região foi influenciada por essa “interiorização”. A nova capital recebeu diversos ritmos, como o rasqueado de Mato Grosso – que mistura violão paraguaio com a viola de cocho e influencia o jeito de tocar das duplas sertanejas de Goiás – e o choro. Este chegou a virar uma marca da cidade com a criação do Clube do Choro em 1977 por músicos como Odete Ernest Dias e Pernambuco do Pandeiro.

Hoje quarta maior cidade do país, **Brasília é reconhecida como berço cultural de bandas como Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Raimundos e Natiruts**. Essa produção musical continua crescente na região. Em Ceilândia, por exemplo, o movimento hip hop, lançou grupos como: Câmbio Negro, Viela 17, Tropa de Elite e o rapper Genival Oliveira Gonçalves, o Gog. Atenta a esta produção crescente, a UBC mantém desde 2008 um escritório na capital federal para atender aos artistas da região Centro-Oeste.

“Neste tempo atuamos informando a chegada da sociedade na região. Para o futuro nossa meta é dobrar nossa representatividade, criando um movimento permanente de troca de informações e novas ações entre os sócios”, conta Gustavo Vasconcellos, representante regional da UBC.

Estar presente em cada região do país possibilita ampliar e otimizar o acesso dos titulares aos serviços prestados. Para Marcos Tani, compositor e vocalista do BSB Disco Club, a atuação da UBC em Brasília está trazendo uma série de vantagens. “Ter um representante em minha cidade agiliza qualquer procedimento que eu precise com relação a

informação de shows, liberações e gravações. **Além disso, a UBC é gerida por músicos e eu fico mais tranquilo, pois vejo que há um interesse comum na defesa dos nossos direitos**. Ela nos oferece todo suporte e orientação acerca dos nossos direitos. E o melhor de tudo é que meus rendimentos aumentaram sensivelmente”, comemora Tani.

Para Tex, guitarrista, violonista e cavaquinista do grupo Marakundi a representatividade da UBC no exterior é um grande diferencial. “Meu trabalho agora está tendo uma amplitude maior, estamos todo ano na Europa, Estados Unidos. A UBC tem convênios com a Ascap (American Society of Composers, Authors and Publishers) e BMI, por exemplo, e faz um intercâmbio interessante do recolhimento dos direitos autorais”, diz Tex. Sócia há menos de seis meses da UBC, a cantora Giorgia W. Alo lançou recentemente seu primeiro trabalho solo, o “Dance Soul” e destaca a importância de estar ligada a uma instituição como a UBC. “Ela nos encaminha os demonstrativos de arrecadação referentes à execução de nossas obras, aos direitos conexos e à distribuição dos valores ao titular, de modo que a relação é a mais transparente possível. As informações sempre que solicitadas ou dúvidas a serem tiradas são disponibilizadas a contento”.

A UBC pretende se aproximar cada vez mais dos artistas da região Centro-oeste. “Começamos a trazer novos associados e a conversar com os antigos sobre nossa disposição para esclarecimentos”, comenta Vasconcellos. Nesse período de atuação na região, o escritório da UBC comemora o aumento do número de associados. “O que nos diferenciou foi a representatividade dos que se integraram à UBC. Nomes históricos da cidade, como BSB Disco Club, Tijolada Reggae e Celso Salim, uniram-se a novos artistas da cena musical local, como Móveis Coloniais de Acaju, Rafael Cury e Renata Jambeiro”, explica Gustavo Vasconcellos.

Os motivos que têm levado os artistas a escolher a entidade são enumerados pela cantora Renata Jambeiro: “A UBC oferece transparência nas informações, está sempre presente, tem tecnologia, um histórico de luta pelos direitos dos autores e intérpretes com atuação política forte no cenário nacional, e busca, através de convênios internacionais, a preservação dos nossos direitos”. 

Renata Jambeiro. Foto: Valéria Carvalho



Giorgia. Foto: Clausem Bonifácio



Marakundi. Foto: Rafael Lavenère



INADIMPLÊNCIA ZERO

Em 2010, o nosso melhor presente é exigirmos respeito ao nosso direito de criador e cidadão

A UBC deseja votos de paz, prosperidade e alegria para o próximo ano, e convida a família da música brasileira a levantar a voz e se unir em torno da luta pela Inadimplência Zero. É esta a palavra de ordem que a UBC lança para melhorar a vida de todos os que vivem da arte. Este é um grande movimento dos titulares de direitos autorais para acabar com a inadimplência de milhares de usuários de música, que se recusam a pagar os valores referentes à execução pública.

Se estivéssemos em um ambiente de plena adimplência ou pagamentos de acordo com a tabela do Ecad, arrecadaríamos e distribuiríamos quase o dobro do valor anual. Confira essa comparação das cifras atuais com as projetadas na tabela abaixo:

	2009	Projeção sem inadimplência	Diferença
Televisão	R\$ 90.000.000,00	R\$ 234.000.000,00	160%
Tv por assinatura	R\$ 9.000.000,00	R\$ 84.000.000,00	833%
Rádio	R\$ 57.000.000,00	R\$ 79.800.000,00	40%
Usuários gerais	R\$ 124.000.000,00	R\$ 173.600.000,00	40%
Shows e eventos	R\$ 95.000.000,00	R\$ 133.000.000,00	40%
Cinema	R\$ 2.700.000,00	R\$ 10.000.000,00	270,37%
Total	R\$ 377.700.000,00	R\$ 714.400.000,00	89%

Trocando em miúdos: **um autor que hoje ganha R\$ 500,00 por mês em média pela utilização de sua música, poderia receber R\$ 1.000,00.**

O direito autoral é a ferramenta que autores e artistas têm para traduzir em retorno econômico o seu trabalho intelectual. É essa retribuição que permite a sobrevivência e a continuidade da trajetória artística, contribuindo para o enriquecimento da cultura de nosso país e gerando empregos. Portanto, **nada mais justo que os autores e artistas sejam devidamente remunerados quando suas obras e interpretações são utilizadas.**

É inadmissível supor que a maior parte das televisões abertas e a quase totalidade das TVs por assinatura não honrem os direitos autorais. Impressiona saber que hotéis e cinemas ajam da mesma forma. É inacreditável que cerca de 50% das rádios no Brasil sejam devedoras. A música corresponde à maior responsável pela movimentação e pelo sucesso dessas atividades econômicas. Sem ela, essas iniciativas simplesmente não existiriam ou seriam inexpressivas. Portanto, não remunerar legitimamente a criação constitui um descompasso com os direitos dos criadores e uma afronta à lei vigente.

Se não pagamos imposto de renda, somos penalizados pela Receita Federal. Um usuário que recebe uma concessão dada por nós, povo brasileiro, através do governo deve ter a mesma obrigação com o direito autoral e ser penalizado da mesma maneira. **Existe inadimplência porque existe impunidade**, um problema muito conhecido pelo povo brasileiro.

Hoje, mais do que em qualquer outra época, tornou-se fundamental que a classe artística musical se envolva na gestão coletiva dos direitos autorais e essa movimentação depende da participação individual de cada um. O direito autoral é um direito privado, gerido pelos seus próprios titulares, portanto a manifestação coletiva e a nossa participação ativa são estratégicas para que o desrespeito aos nossos direitos seja extinto.

Convocamos, então, aqueles que criam riqueza, empregos, cultura e pagam impostos para se unir e lutar pelo justo recebimento desses valores em um movimento nacional que levará ao conhecimento da sociedade civil e ao poder público a nossa reivindicação: Respeito ao direito de autor e inadimplência zero!

Não podemos permitir as malfadadas iniciativas dos usuários e do poder público em perseguir o controle da gestão coletiva dos direitos autorais ou a pretensão de fixar o seu valor, pois isso é prerrogativa do titular. Só a união da nossa classe impedirá que isso aconteça. A união de autores, músicos e artistas em uma campanha nacional de cidadania e respeito ao direito autoral significará um excelente exemplo à comunidade. Falem com seus amigos, empresários, juizes e políticos. O movimento é aberto e a adesão de toda a sociedade tornará realidade nosso desejo de INADIMPLÊNCIA ZERO JÁ!

DIREITO AO AVESSE: O CASO MTV

Por Francisco Luiz Noel

Desde outubro, a TV do Grupo Abril especializada em música comemora a decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) favorável à emissora, que se recusa a pagar os 2,5% do seu faturamento bruto pelos direitos, como determina o Ecad.

“É um absurdo que uma emissora que vive de música não queira pagar direitos autorais, um contrassenso”, afirma Fernando Brant, presidente da UBC, observando que a postura da MTV espalha confusão entre dois direitos distintos – o de sincronia da obra musical num audiovisual e o de autoria da música. Brant exemplifica com as telenovelas: “quando a TV Globo faz a trilha sonora de uma novela, ela adquire das editoras o direito de sincronização das músicas. Depois, quando a novela vai ao ar, o autor recebe pela execução pública de sua obra”. A UBC, assegura o compositor, vai lutar até o fim no Judiciário para que a MTV Brasil cumpra a lei, como fazem outras emissoras.

A polêmica em torno do pagamento dos direitos de execução pública por parte da MTV Brasil remonta a 2000. Em julho do ano anterior, quando expirou o contrato de licenciamento do repertório firmado em 1995 com o Ecad, a emissora se recusou a discutir novas condições e seguiu recolhendo valor idêntico ao contratual por mais seis meses. Para não pagar direitos pela execução pública de obras musicais brasileiras e estrangeiras, a MTV recorreu à Justiça em busca de respaldo à decisão de não negociar mais com o Ecad. A TV alegou

que poderia selar acordos diretamente com os artistas e titulares de direitos sobre suas obras, passando a deter, assim, licenças diretas que, no entender da emissora, permitiram a veiculação de músicas na telinha.

Na base da alegações da MTV, está a controversa tese de que o direito pela sincronização de uma música num videoclipe ou outro audiovisual confere ao produtor a titularidade sobre o direito de execução pública da obra musical. Nesse caso, bastaria a autorização do produtor, com foros de titular da obra musical usada no clipe, para que o audiovisual entre na programação sem que a execução da música resulte em pagamento de direitos ao autor. A “autorização dada pelo compositor ou titular de direito autoral para sincronização implica necessariamente uma autorização para execução da obra audiovisual”, afirma a MTV na petição à Justiça. A seu favor, alega que a razão de ser da obra musical é a execução.

“A premissa da emissora é falsa. **Direito de sincronização não substitui direito de execução pública**”, afirma o gerente jurídico do Ecad, Samuel Cordeiro Fahel, apontando o centro da disputa. O advogado assinala que, no processo, a MTV anexou contratos em que artistas participantes de shows da emissora autorizam a exibição dos espetáculos na TV. “Ainda que os contratos contemplassem os direitos de execução, isso não teria influência no valor da licença em branco”, explica. Por essa forma de autorização, TVs, rádios e outros usuários tocam quantas músicas quiserem das milhares licenciadas para execução e, depois, informa a relação das executadas, para que o Ecad faça o pagamento dos direitos aos autores.

A pendência judicial, adianta Fahel, está longe do desfecho. “O Ecad não perdeu a ação nem os direitos autorais desse período todo, pois o STJ afirma que a MTV tem a obrigação de pagar”, assinala. O acórdão do STJ criou, porém, uma situação de solução praticamente impossível, aos olhos de especialistas em direito autoral. Ao acolher a tese que mistura o direito de sincronização com o de execução pública, o tribunal decidiu que o Ecad deve apresentar a conta deixando de fora as músicas licenciadas pelos autores diretamente à MTV, atribuindo ao Escritório o ônus de relacionar essas obras, mesmo sem ter informações da emissora e dos titulares dos direitos.

A diretora executiva da UBC, Marisa Gandelman, destaca que a sistemática preconizada pela MTV “joga no chão o princípio da gestão coletiva do licenciamento do repertório musical”, além de atirar sobre o Ecad a responsabilidade de apontar as obras que ficariam de fora da cobrança, no caso de realmente seus autores terem negociado os direitos com a emissora. Para exercer esse controle, música por música, o Escritório teria que montar uma gigantesca estrutura de controle, com custo altíssimo que, no fim das contas, teria que ser deduzido do repasse dos direitos autorais aos compositores. “Não há discussão de direito nisso tudo, mas de preço”, resume Marisa. “Inventaram essa questão de direito apenas para não pagar.”

Em busca de esclarecimentos do STJ, o Ecad vai recorrer, alegando inclusive divergência, já que a decisão destoa de condutas adotadas em processos parecidos. Num deles, em agosto, a TV Bandeirantes foi obrigada a pagar R\$ 70 milhões de direitos ao Escritório, retroativos a 1999. No caso da MTV Brasil, Samuel Cordeiro Fahel lembra que a emissora também não quis recolher direitos autorais nos shows do grupo britânico U2, em 1998, e foi obrigada a pagar pela Justiça, em São Paulo e no Rio de Janeiro. 

O SOM DA TELA

COM UMA SÓLIDA CARREIRA NA TV BRASILEIRA, PAULO IDELFONSO É UM EMPREENDEDOR NATO

Por Ana Hupe



“Nunca tive banda. Minha atividade de música sempre foi compor, produzir, criar, sempre mais voltado para o estúdio”. É assim que Paulo Idelfonso resume seu caminho no campo musical. Ele hoje é responsável pelas vinhetas, efeitos sonoros, músicas de abertura e trilhas incidentais de 26 programas do canal SBT.

Em seu estúdio no Centro de São Paulo, onde divide o dia a dia com os sócios Cacá Bloise e Eduardo Filipovich, amigos há mais de 30 anos, Idelfonso falou da agilidade necessária no mercado de música para TV: “Às vezes, de manhã a gente faz a vinheta do programa Carrossel Animado e à tarde temos que fazer uma música policial para o jornal”.

O mineiro radicado em São Paulo, em 1974, começou a carreira produzindo discos infantis na RCA. Segundo o artista, toda emissora tem uma linha, um padrão definido pelos diretores artísticos que deve ser seguido pelo trilhado. “Quando se faz uma trilha, não se faz pelo seu gosto, só o que vale é o gosto da emissora. Tem que ter profissionalismo suficiente para se desprender do seu gosto”, sentencia.

Foi pensando nas emissoras que Idelfonso desenvolveu com seus sócios um projeto inovador, o Downmusic,

cujos público-alvo são justamente as emissoras fora do eixo Rio-São Paulo que muitas vezes não podem arcar com os custos de pós-produção. O Downmusic é um site ainda em fase de construção que vai disponibilizar mais de 15 mil trilhas sonoras prontas, acessíveis somente a estações de rádio e canais de TV. As músicas poderão ser buscadas por gênero – comédia, romance e aventura – e os downloads, pagos por secundagem. As trilhas não serão só as deles próprias, outros compositores vão poder fazer o upload de seus trabalhos e vendê-los.

A trajetória multimídia de Idelfonso explica seu faro apurado para bons negócios.

A partir de uma manchete do antigo tablóide *Shop News*, que dizia que em São Paulo viviam 4,1 milhões de imigrantes nordestinos, ele enxergou um mercado em potencial. Foi assim que surgiu a ideia de criar a primeira rádio segmentada do Brasil, a Rádio Atual de São Paulo, que só tocava música nordestina. Ele rememora o começo da rádio, quando logo no primeiro dia em que entraram no ar, com o estúdio ainda em obras, o compositor Genival Lacerda e a cantora Anastácia foram fazer uma visita e doaram mais de 700 discos à rádio. Em 15 dias, a rádio era a terceira mais ouvida de São Paulo. Na estreia da Atual, Idelfonso ficou mais de 24 horas no ar como locutor, porque não havia ainda um locutor contratado pela emissora.

Foi na Atual que o “cãozinho dos teclados”, Frank Aguiar, mostrou pela primeira vez ao grande público suas músicas. Revelar talentos não era mais segredo para Idelfonso, que, logo depois de estourar com a venda de mais de 10 milhões de discos da banda infantil As Patóinhas, em 1978, foi convidado por Silvio Santos para dirigir um programa infantil, o “Festival Internacional da Criança”, pelo qual passaram a cantora Patrícia Marx, o grupo Trem da Alegria, Polegar, Dominó, entre outros pequenos notáveis. No SBT, Idelfonso ainda dirigiu o programa “Novos Talentos”, que descobriu o cantor Elymar Santos, e trabalhou como diretor de arte dos infantis, na época em que o néon começava a ser usado na TV. “Essa semana me levaram no programa do José Américo, “Você se Lembra”, porque eu que trouxe a Mara Maravilha da Bahia aos 12 anos, conta Idelfonso que se perde entre os mil feitos de sua carreira.

No final dos anos 1980, o diretor voltou a ser produtor, desta vez entre Venezuela, na gravadora Velvet, e Miami, onde criou o primeiro programa de música brasileira nos EUA, o “Sounds of Brazil”. A experiência em terra estrangeira não agradou muito: “A grana era boa, mas não tem coisa melhor do que o Brasil.” De volta a São Paulo, ele restabeleceu os laços com os amigos com quem hoje divide, feliz, o estúdio. 

INSPIRAÇÃO DE SOBRA

DE CALOURO A AUTOR DE SUCESSOS, DO RÁDIO À TV, GETÚLIO MACEDO DÁ UMA AULA DE VERSATILIDADE

Por Gabriel Versiani

No dia e hora marcados, este repórter encontrou com o compositor Getúlio Macedo para entrevistá-lo. Mas logo nos primeiros segundos, veio a surpresa: a primeira pergunta foi feita pelo entrevistado: "Então você é o repórter?". A inquietude deste homem de mais de 80 talvez possa explicar sua trajetória. Capixaba de Sabino Pessoa, chegou ao Rio de Janeiro descalço e sem o segundo ano primário (hoje ensino fundamental). Mais tarde, tornou-se autor de repertório valioso, com sucessos nas vozes de cantores como Ângela Maria, Carlos Galhardo, Cauby Peixoto e Emilinha Borba. Compôs cerca de 400 músicas, com mais de 50 gravadas, incluindo jingles e temas para rádio. Com seu principal parceiro, Lourival Faissal, criou dezenas delas. Atuou também na TV, por 30 anos, como produtor musical e diretor.

Mas tudo começou nos áureos tempos do rádio, quando o menino de 10 anos se divertia como calouro nos programas de Paulo Gracindo, Héber Bôscoli e Yara Sales. "Levei muito gongo do Ary Barroso também", diz ele, admitindo que não canta, mas assovia bem. Quando ganhou o segundo lugar com um jingle, decidiu que seria compositor. Aprendeu todas as melodias do cinema de sua época e compõe sem o auxílio de instrumentos. "Deus nunca me deixou faltar inspiração", agradece.

O compositor de "Mulher Governanta", sucesso na voz de Silvinho, se diz, "modéstia à parte", um dos compositores mais versáteis da música popular brasileira. Seu primeiro e maior sucesso foi a eterna "Mãezinha Querida" – a campeã de vendas no formato 78 rotações –, cantada até hoje no Dia das Mães. A canção foi feita com a intenção de ganhar de sua mãe uns trocados para ir ao cinema.

Em 1952, Getúlio Macedo, que morava em Ramos, ia da Penha ao Centro do Rio de Janeiro de bonde. Lendo a revista *Seleções*, soube que pela primeira vez seria comemorado o Dia das Mães no Brasil. A ideia veio como um estalo: levar a Carlos Galhardo, na Rádio Nacional, a música em homenagem à data. Inventou uma

parceria com Lourival Faissal e emplacou, após seis anos de tentativas, a canção nas paradas de sucesso.

Com ela, conta que vendeu 10 milhões de discos ao longo dos anos. A última gravação, de Ângela Maria e Agnaldo Timóteo (1979), vendeu 2,6 milhões de discos. Com o sucesso de "Mãezinha Querida", assinou seu primeiro contrato, com a RCA, e daí em diante não parou mais.

Dos estúdios do rádio, o autor migrou para incipiente televisão, tornando-se produtor musical dos "Espetáculos Tonelux", líder de audiência na Tupi, com Virgínia Lane. "Ajudei muito o pessoal da Jovem Guarda, minha grande amiga Wanderléa, Erasmo e Roberto Carlos, que me pedia para participar para receber o dinheiro do prêmio". Seguiu como produtor de TV e também como compositor requisitado. Trabalhou nas TVs Excelsior e Globo.

Há 10 anos atuando como presidente do Conselho Fiscal da UBC, o autor da "Canção de Jerônimo", tema da novela de rádio "Jerônimo, o herói do sertão", considera que a música hoje está completamente diferente da sua época. Para ele uma coisa não vai mudar nunca: "Nem toda música faz sucesso. Há músicas lindas que você faz e as pessoas não ligam muito, mas há outras mais ou menos que fazem sucesso. O gosto do povo não dá para adivinhar", decreta. 

NOS PASSOS DA DISTRIBUIÇÃO

Na edição anterior, a revista UBC apresentou alguns conceitos necessários ao entendimento da distribuição de direito autoral. Dando continuidade ao tema, é preciso detalhar um pouco mais a execução pública. A começar por sua definição:

Considera-se execução pública a utilização de obras musicais, mediante a participação de artistas, ou a utilização de fonogramas e obras audiovisuais, em locais de frequência coletiva, por quaisquer processos, inclusive a radiodifusão e a exibição cinematográfica.

Nesse caso, há basicamente dois tipos de distribuição: direta, que se refere aos valores arrecadados em shows, cinema e TV aberta; e indireta, referente à arrecadação em TV por assinatura, rádio, música ao vivo (apresentações em locais como casas noturnas e restaurantes) e os direitos gerais, que são provenientes de estabelecimentos que utilizam sonorização ambiental (consultórios, academias etc). A distribuição direta tem sua receita diretamente paga a todas as obras executadas. Já a indireta, pela dificuldade de identificação do repertório executado, é feita por amostragem seguindo critérios diversos.

TIPO DE DISTRIBUIÇÃO	MEIO DE EXECUÇÃO	DESTINO DA DISTRIBUIÇÃO	MESES DE PAGAMENTOS
Direta	Show	Obras do repertório executado.	Janeiro a dezembro
	Cinema	Músicas inseridas nos filmes exibidos, com valor proporcional à arrecadação gerada por cada filme. 2/3 da verba são destinadas à parte autoral e 1/3 destina-se ao montante de direitos gerais para ser redistribuído (distribuição indireta).	Março, setembro
	TV aberta	Obras que integram as planilhas de execução fornecidas pelas emissoras. 2/3 da verba são destinadas à parte autoral e 1/3 à parte conexa.	Janeiro, abril, julho, outubro
Indireta	TV por assinatura	Há divisão em grupos de canais de acordo com a característica de sua programação (ver quadro TV por Assinatura).	Fevereiro, agosto
	Rádio	Obras da amostragem realizada na programação de rádios adimplentes.	Janeiro, abril, julho, outubro
	Direitos Gerais	Feita com base na amostragem de rádios e de TV.	Janeiro, abril, julho, outubro
	Música ao vivo	Obras que compõem a amostragem feita em locais adimplentes de música ao vivo.	Janeiro, abril, julho, outubro

TV POR ASSINATURA

A distribuição feita a partir da arrecadação de TV por assinatura apresenta algumas peculiaridades. As obras são classificadas em grupos de acordo com a característica da programação, que é dividida em "planilha" (obras executadas durante a programação) e "audiovisual" (obras executadas em novelas, filmes, seriados, desenhos etc). Cada grupo tem um peso diferente atribuído para a programação de planilha e para a programação audiovisual:

	Audiovisual	Planilha
Canais de Audiovisual	95%	5%
Canais de Variedades	30%	70%
Canais de Jornalismo/Esporte	30%	70%
Canais de Programação Alternativa	50%	50%
Canais de Música	0%	100%

Há ainda as distribuições especiais, feitas a músicos acompanhantes e titulares cujas obras são executadas apenas em eventos específicos, como carnaval e festa junina. Nessas festividades, operadores de gravação do Ecad percorrem locais adimplentes onde ocorrem bailes carnavalescos e festejos populares para formar o rol que será tomado por base nesta distribuição.

Calendário Especial	Meses de pagamento
Carnaval (autoral)	Maio
Carnaval (conexo)	Junho
Festa Junina	Setembro
Músico Acompanhante	Fevereiro, maio, agosto e novembro

Aguarde mais novidades sobre a arrecadação e distribuição de direitos autorais nos próximos números da revista UBC. 



A RAINHA DA VOZ

Para Maria Bethânia, cantar é mais do que um ofício. É motivo de alegria

Por Paulo Sabino

“Não faço concessão na escolha do meu repertório. Só canto o que quero e o que gosto”, afirmou a cantora Maria Bethânia, em diversas entrevistas. Deve ser por isso que hoje, com 44 anos de carreira, a cantora coleciona grandes sucessos e muitos mitos em torno de sua vida. Ídolo de uma legião de seguidores fiéis, é considerada pelos fãs “a rainha que nunca perde a majestade”. E eles têm razão. Ao longo de sua extensa trajetória, a cantora é sempre reconhecida como artista de qualidade pelo público e pela crítica, mesmo quando seus discos não vendem muito.

Em outubro, ela lançou pela gravadora Biscoito Fino e pelo seu selo Quitanda, os CDs “Tua”, com canções românticas, e “Encanteria”, com composições festivas que remetem à cultura popular nacional. Os dois discos trazem canções dos compositores que estão no rol dos seus preferidos: Adriana Calcanhotto, Roque Ferreira (compositor-poeta conterrâneo da cantora), Paulo César Pinheiro, Vanessa da Mata, Arnaldo Antunes, J. Velloso, entre outros.

Dona de um timbre raríssimo, ímpar, começou a carreira com estreia à altura do seu enorme talento, substituindo a então famosa e musa da bossa nova, Nara Leão, num espetáculo do Teatro Opinião, ao lado dos compositores Zé Kéti e João do Vale. Sua voz grave e seu timbre rascante fizeram com que a canção de forte cunho político “Carcará” (“Carcará lá no sertão/ é um bicho que ‘avoa’ que nem avião...”), de João do Vale, se tornasse o seu primeiro grande sucesso nacional. De uma hora para outra, a menina de 17 anos, chegada de Santo Amaro da Purificação, cidade do interior do Recôncavo Baiano, tornou-se uma celebridade. De lá para cá, não parou de brilhar no cancionário brasileiro.

A cantora sempre afirmou que, desde muito nova, ainda criança, sabia que o seu destino seria traçado na ribalta: “eu, na verdade, dizia desde pequena que eu ia ser artista ou então ia ser trapezista. E o palco, para mim, é um pouco isso, é o trapézio. Sem a rede”, ri ao sentenciar no documentário “Maria Bethânia – Música é Perfume” (2005), de Georges Gachot.

Determinada, suas escolhas são tomadas de acordo com suas ambições artísticas. Assim, tornou-se não só uma grande intérprete de canções, como também da palavra falada. Bethânia sabia que o verso cantado não daria conta do que almejava no palco. Por isso, começou a levar textos, fossem prosa ou poesia, para os seus espetáculos, o que acabou se transformando numa marca registrada das suas apresentações.

Por ser uma “intérprete”, como ela mesma prefere ser chamada, não foi, nem é, uma cantora ligada à bossa nova, que primava por um canto mais contido e menos teatral. O seu caminho foi buscar refúgio nas grandes canções de cunho amoroso, anteriores ao gênero lançado por João Gilberto – samba-canções e boleros de fortes arroubos sentimentais –, nas canções de temas ligados ao interior do Nordeste e naquelas criadas por compositores da sua geração, carregadas de dramaticidade.

Bethânia canta o amor em todas as suas dimensões, o descaso político, a tristeza do mundo, do ser humano, o esplendor das forças da natureza, as festas do seu povo, a beleza de ser feliz, as suas crenças religiosas. Aliás, por orientação do candômbé, religião que escolheu já adulta, não veste roupas de cor preta ao apresentar-se em shows. E por acreditar profundamente no poder que as palavras carregam, recusa-se a pronunciar algumas delas: “Tem algumas palavras que eu não gosto de dizer e não digo. Pode ser a música de Chico Buarque de Holanda, que eu venero, mas se tiver uma palavra de que eu não goste, não há quem me faça dizer”.

Por esta qualidade tão cara, a de fazer só aquilo que deseja, a cantora afirma nunca se aborrecer com o seu ofício, que é o de interpretar as canções do seu repertório e os textos selecionados para leitura. Segundo Bethânia, **cantar sempre foi motivo de muita alegria**: seja na solidão do estúdio de gravação, depois que as bases e arranjos das músicas estão prontos para que a sua voz seja colocada, seja na situação inversa a essa, quando entra no palco e se depara com centenas de pessoas na plateia, à sua espera.

Fora do palco, a abelha-rainha – sua alcunha mais emblemática, uma referência ao período de imenso sucesso, em 1979, com o LP “Mel” – tem sua vida guardada a sete chaves. Bethânia nunca quis nem nunca gostou de falar publicamente sobre sua vida pessoal. Manteve-se sempre à parte das publicações e colunas de fofocas, ciente de que a mídia serve à divulgação do seu trabalho artístico, que é o que mais importa.

Esta discrição gerou em torno da sua figura uma série de “casos” a seu respeito, que se tornaram verdadeiras “lendas”. Como a história de que a artista mantém em sua casa uma espécie de santuário, onde ela “receberia entidades espirituais” e faria oferendas às tais entidades. Bethânia se diverte com tanta curiosidade acerca do seu cotidiano e, numa entrevista, atirou: “fora do palco não tem nada demais. Sou a Maria Bethânia, dona de casa, normal, comum, igual a todo mundo”. 

CONTRA-

INDIÇÕES

NA

ARTIMAÇÃO

DO COLO

**EM TRÂMITE NA CÂMARA E NO SENADO,
PROJETOS DE LEI BENEFICIAM E PREJUDICAM
OS DIREITOS DOS AUTORES**

Por Roberta da Costa

“A mão que afaga é a mesma que apedreja”, já dizia o poeta Augusto dos Anjos. O verso pode ser facilmente associado à Câmara dos Deputados e ao Senado Federal. Isso porque há uma série de projetos de lei em tramitação que, uma vez aprovados, implicarão mudanças significativas para os compositores. Alguns estão a favor da proteção dos direitos autorais, mas outros chegam a propor a isenção de direitos de execução pública.

Para a superintendente do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição de Direitos Autorais (Ecad), Glória Braga, os desafios no Congresso Nacional são muito grandes. “Embora tenhamos bons aliados na Câmara e no Senado, parlamentares que compreendem a importância dos direitos autorais para a vida dos criadores, também nos deparamos todo tempo com aqueles que defendem ardentemente os interesses dos donos de rádio e televisão, e que a todo custo tentam aprovar quaisquer projetos que nos fragilizem e prejudiquem”, afirma Glória.

Diante desse panorama, alguns projetos de lei contradizem os avanços do direito autoral. Um exemplo claro dessa contradição é o caso do acordo entre o Ecad e o grupo Severiano Ribeiro: enquanto o Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu favoravelmente a respeito do pagamento de 2,5% sobre a receita de bilheteria a título de retribuição autoral, tramita no Senado o projeto de lei (PLS) 532/2003, que pretende isentar os exibidores cinematográficos e emissoras de TV do pagamento de direitos autorais de execução pública.

Apresentado pelo ex-senador João Capiberibe (PSB-AP) – cassado em 2004 – com o também senador Paulo Otávio (PFL-DF), proprietário de cinemas em Brasília, esse projeto teve como relator o senador Saturnino Braga (PT-RJ). Passou pela Comissão de Educação e quase foi aprovado no Senado, mas a mobilização das associações e dos compositores garantiu a reprovação, mesmo diante da pressão dos exibidores. Atualmente, o projeto está na Comissão de Assuntos Econômicos.

O exemplos não param por aí. O PLS 627/2007 propõe que execuções públicas que não visem ao lucro não necessitem de autorização do autor ou do titular do direito patrimonial. O autor do projeto, senador Raimundo Colombo (DEM-SC), quando prefeito de Lages (SC), negou-se a pagar direitos autorais na Festa do Pinhão, tanto que a cobrança foi parar na Justiça. O parecer favorável do relator na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), senador Arthur Virgílio (PSDB-AM), aguarda votação.

Já o projeto de lei (PL) 3968/1997 isenta órgãos públicos e entidades filantrópicas do pagamento de direito autoral, e a ele foram anexados cerca de 40 outros projetos de mesmo teor. Hoje, aguarda pauta na CCJ, com parecer

pela rejeição do deputado federal Régis de Oliveira (PSC-SP). Se aprovado, praticamente estaria inviabilizada toda a cobrança de direitos autorais feita pelo Ecad, pois cada um dos projetos diz respeito a um segmento de usuários.

Diretamente relacionados à atuação do Ecad, há os PLs 2850/2003 e 1557/1999, que propõem a extinção do Escritório e a criação de novos órgãos arrecadadores. O 2850 encontra-se estagnado com o relator, o deputado federal Edigar Mão Branca (PV-BA), na Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática (CCTCI), comissão permanente da Câmara dos Deputados, enquanto o 1557 está com o deputado federal Átila Lira (PSB-PI), relator na Comissão de Educação.

Com a expansão das rádios comunitárias no país, também são propostos projetos específicos para o setor. O PL 4186/1998 modifica a Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, que institui o serviço de radiodifusão comunitária, possibilitando ao Executivo indicar mais de um canal de rádio comunitária para cada localidade, conforme a necessidade apontada por estudos técnicos e demográficos. Anexado a ele e aguardando parecer na CCTCI, está o Apensado PL 2105/2003, que requer a isenção da cobrança de direitos autorais sobre a música popular brasileira nas rádios comunitárias, alterando a Lei 9.612/1998.

Mas também há aqueles que favorecem os autores. O projeto de Resolução do Senado (PRS) 50/2007 altera a Resolução nº 39, de 1992, a fim de incluir como obrigatoriedade para concessão ou renovação de emissoras de radiodifusão estar em dia com o pagamento ao Ecad, exibindo o comprovante de quitação dos direitos autorais pagos ao Escritório. De autoria do senador Marcelo Crivella (PRB-RJ), o projeto teve parecer favorável do relator, o senador Demóstenes Torres (DEM-GO), mas foi devolvida à relatoria na Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT), comissão permanente do Senado, com base na revogação da Resolução nº 39/1992. Essa revogação prejudica o PRS, mas não impede sua tramitação.

O PL 3156/2004, de autoria do deputado federal Ivan Valente (PSOL-SP), propõe maior fiscalização sobre a arrecadação de direitos autorais, incluindo a criação de um sistema de multas às emissoras de rádio e TV que não informarem ao público a autoria das obras musicais executadas. A cobrança e o gerenciamento das multas seriam divididos entre os ministérios da Cultura e o das Comunicações. O projeto foi para a CCJ e o relator, o deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), ainda não apresentou parecer.

O PL 5361/2009, cujo autor é o deputado federal Bispo Gê Tenuta (DEM-SP), cria penalidades civis para download, sem autorização dos titulares, de arquivos eletrônicos na internet que contenham obras artísticas ou técnicas protegidas por direitos de propriedade intelectual. Em fase de apreciação conclusiva nas comissões, recentemente, a pedido do autor, a matéria foi retirada da tramitação e permanece arquivada.

Todos esses projetos de lei podem ser acompanhados pelos cidadãos por meio do site www.camara.gov.br. Lá também é possível opinar sobre as iniciativas dos parlamentares e saber quem são os deputados que defendem o interesse da classe artística. 

AGENDA

EXPOSIÇÃO EM LOS ANGELES



As inscrições para o quinto Ascap "I Create Music" Expo estão abertas, e os compositores registrados na UBC terão 10% de desconto. O evento vai acontecer de **22 a 24 de abril de 2010 em Los Angeles**, na Califórnia (EUA). Durante três dias, compositores e músicos de todo o mundo se reúnem para participar de workshops. Mais informações: www.ascap.com/expo.

CONCURSO DE COMPOSIÇÃO

Compositores brasileiros podem se inscrever no Concurso de Composição Quarteto Ligna 2010 **até 22 de fevereiro de 2010**. Os candidatos deverão enviar trabalhos inéditos de 10 a 20 minutos, dedicados ao grupo formado por viola pomposa, violino, clarinete e fagote. As obras vencedoras serão gravadas e apresentadas na Europa. Os três primeiros classificados receberão prêmio em dinheiro de R\$ 1 mil a R\$ 3 mil. Mais informações no site <http://ligna.musicaerudita.com>.

FESTIVAL MADA 2010



O Festival Mada já está recebendo **material para a seleção da edição de 2010**. Bandas e artistas devem postar o material nos correios (Festival Mada 2010, Av. Deodoro da Fonseca, 402/1002 A, Petrópolis, CEP 59020-600, Natal, RN) ou enviar link do trabalho para o e-mail jomas.mada@uol.com.br. Mais informações no site www.festivalmada.com.br.

WOMAD NO BRASIL

O Brasil será sede da primeira edição sul-americana do World of Music, Arts and Dance (Womad), festival criado em 1982 pelo músico britânico Peter Gabriel. O evento acontecerá entre os dias **3 e 5 de setembro de 2010 na Bahia**, na Costa do Sauípe. O Womad já realizou mais de 145 edições em 22 países e ilhas ao redor do mundo. Mais informações no site www.womadbrasil.com.br

RIO MUSIC CONFERENCE



Programada para acontecer de **9 a 16 de fevereiro de 2010**, a Rio Music Conference 2010 irá reunir um grande número de expositores, com amplo mix de ofertas ligadas à indústria: agências de DJs, gravadoras, fabricantes de equipamentos, cursos, instituições do mercado, varejistas de roupas e acessórios. Mais informações: www.riomusicconference.com.br.

VERSOS & ACORDES

As inscrições para o I Festival Virtual de Música Versos & Acorde estão abertas **até o dia 28 de fevereiro de 2010**. O objetivo é apoiar e divulgar novos artistas, aproveitando o potencial da internet como difusor cultural. Os 15 vencedores farão parte de um CD. Peça o regulamento e a ficha de inscrições pelo e-mail versosacordes@gmail.com

CAMPUS PARTY BRASIL



A terceira edição da Campus Party Brasil, que recebe milhares de internautas do país, abriu um espaço dedicado à música em 2010. O evento, que acontecerá de **25 a 31 de janeiro, em São Paulo**, irá apresentar discussões sobre o cenário musical brasileiro e internacional, criação, produção e distribuição na internet. O ingresso custa R\$ 140. Mais informações acesse www.campus-party.com.br.

MULHERES DO ROCK

Rio Claro (SP) vai integrar homens e mulheres no palco por meio da música. Bandas que tenham, no mínimo, uma mulher em sua formação oficial poderão participar das seletivas de 2010. Também serão promovidas palestras e oficinas de produção musical. O evento está **previsto para março**, mais informações: www.rockfeminino.org.

MÚSICA DO MUNDO



A segunda edição do Festival Música do Mundo será realizada em Três Pontas, Minas Gerais, no **segundo semestre de 2010**. Bandas e atrações culturais de circo e teatro de rua poderão se inscrever logo depois do carnaval. Confira as datas e mais informações no site www.festivalmusicadomundo.com.br. As inscrições para a sexta edição do **Seoul International Music Competition**, na categoria voz, estão abertas até 15 de janeiro de 2010. O evento acontecerá em Seul, na Coreia do Sul, de 16 a 24 de abril. O primeiro colocado ganha US\$ 50 mil. Mais informações no site www.seoulcompetition.com.

Foto: Belo Martins

MOTIVOS PARA VOCÊ SER ASSOCIADO À UBC:

TRANSPARÊNCIA

AGILIDADE NO PAGAMENTO

MENOR PERCENTUAL DE ADMINISTRAÇÃO

SISRC GRATUITO

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

ADMINISTRAÇÃO MODERNA COM TECNOLOGIA DE PONTA

GARANTIA DE DEFESA DOS SEUS DIREITOS NO ECAD

SISTEMA ÚNICO PARA LIBERAÇÃO DE RETIDOS

MAIOR REPRESENTATIVIDADE INTERNACIONAL



DE SEPULTURA A FAMÍLIA LIMA.



Fotos de divulgação

TODOS OS ESTILOS ESTÃO NA UBC.

RIO DE JANEIRO

Rua Visconde de Inhaúma, 107. Centro
Rio de Janeiro - RJ. CEP: 20.091-007
Tel.: (21) 2223-3233 / Fax: (21) 2516-8291
ubc@ubc.org.br

SÃO PAULO

Rua Cincinato Braga, 321 / 11º andar. Bela Vista
São Paulo - SP. CEP: 01.333-011
Tel.: (11) 3326-3574 / Fax: (11) 3315-8389.
ubcsp@ubc.org.br

RECIFE

Rua Francisco Alves, 590 / 803 -
Empresarial Negocial Center. Ilha do Leite
Recife - PE. CEP: 50.070-490
Tel.: (81) 3421-5171 / Fax: (81) 3421-5119
ubcrecife@ubc.org.br

BAHIA

Av. Prof. Magalhães Neto, 1752 / 602 - Ed. Lena Empresarial
Pituba - BA. CEP: 41.810-012
Tel.: (71) 3272-0855 / Fax: (71) 3272-0856
ubcbahia@ubc.org.br

MINAS GERAIS

Av. Alvares Cabral, 344 / 905 - Ed. Europa. Centro
Belo Horizonte - MG. CEP: 30.170-911
Tel.: (31) 3226-9315 / Fax: (31) 3226-8951
ubcmg@ubc.org.br

PORTO ALEGRE

Rua Quintino Bocaiuva, 655 / 501. Bairro Floresta
Porto Alegre - RS. CEP: 90.440-051
Tel.: (51) 3222-2007 / Fax: (51) 3222-1986
ubcrs@ubc.org.br

BRASÍLIA

Representante: Gustavo Vanconcellos
SRTV Sul Qd.701 Bloco K, sala 613
Brasília - DF. CEP: 70.340-000
Tel.: (61) 4063-8579 / Fax: (61) 3225-7087
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br

WWW.UBC.ORG.BR